

A um passo da cidadania

■ No Morro da Conceição, a profissionalização chega junto com a auto-estima

Lydia Barros

Fruto de um trabalho comunitário, o Centro de Formação do Educador Popular Maria da Conceição, tem se revelado um grande alento para as crianças e adolescentes do Morro da Conceição. Fincado no tripé Educação - Cultura - Profissionalização, a iniciativa — bancada com verbas assistenciais da LBA e de entidades não-governamentais do Brasil e do Exterior —, mobiliza pedagogos, professores, sociólogos e pessoal de nível médio, numa cruzada contra a ociosidade e a desesperança.

Uma média de 200 jovens buscam, semanalmente, a sede do Centro para desfrutar das atividades culturais, profissionalizantes e de lazer propostas por aquele núcleo produtivo, que tem como mote o resgate da cultura negra. Muitos axés e afoxés. A escola, embrião do projeto fundada há 10 anos, está para a comunidade do morro, assim como as escolas de samba estão para o carnaval; elemento agregador e vital. Num esquema de semi-internato, nove professores, embalados pelo lema "aprendizagem pela prática cultural", recebem crianças do pré-escolar ao 1º grau menor. "A escolinha nasceu a partir das necessidades dos moradores e foi o começo de tudo", conta Conceição dos Prazeres, encarregada das atividades culturais do Centro.

A educação, como pano de fun-

do, empurrou a engrenagem. Em 1990 o Centro estruturou os seus núcleos e sedimentou suas possibilidades. A parte cultural registrou a presença de dois grupos de dança, um com crianças de 4 a 12 anos, o *B brincando e Dançando*, e outro com adolescentes, o *Lua Negra Africana*, cada um com 20 integrantes e aptos a encarar as festividades da comunidade e de outras. "O grupo mirim se reúne nas terças e quintas-feiras, o *Lua Negra* somente aos sábados, porque muita gente trabalha", explica Conceição.

Ritmo e Energia — Catorze rapazes estão a postos do grupo *Raízes do Quilombo* habilitados para entornar o samba-reggae e animar as noites de sextas-feiras, quando o Centro promove palestras ao ritmo dançante. Parte desses meninos reclamava a "entressafra" dos ensaios de carnaval, das escolas de samba em que já figuravam como músicos. O Centro lhes deu vez, voz e valor. Sob a coordenação do "maestro" Marcelo Alves, o *Raízes do Quilombo* faz seus instrumentos, cuida da manutenção dos mesmos e conquista ser espaço aqui fora. O Olodum — grupo que partiu da Bahia para o mundo — pode seu aqui.

No Centro Maria da Conceição a produção também é sistemática nos ateliês de costura e serigrafia. São cursos trimestrais monitorados por um professor e um ex-aluno, com di-

Jo

Ouvindo as vozes d'África

O Nação Pernambuco prepara disco e

O Nação Pernambuco prepara disco e espetáculo, fortalecendo a memória cultural de origem popular

Ivana Moura

Três séculos de resistência. O Maracatu Nação ou de baque virado atravessa o tempo e ganha novos aliados. Inspirado no toque mágico e contagiante do baque virado e do baque solto, unidos ao sotaque orquestral de outros sons, o Maracatu Nação Pernambuco prepara o espetáculo dramático musical *O Batuque da Nação*, que deverá estreiar no mês que vem. A montagem serve ao mesmo tempo de vitrine da atividade desenvolvida pela banda e bloco cultural, entre pesquisa e laboratório artístico e lançamento do disco homônimo, gravado nos estúdios da Center e produzido por Zé da Flauta. Trata-se do primeiro disco de maracatu editado no mundo. "*Batuque da Nação* é um trabalho fonográfico que vem coroar o trabalho permanente do Nação Pernambuco", orgulha-se o diretor Bernardino José. "É um disco documento com músicas de repertório do grupo, compostas a partir do resgate de toadas tradicionais, maracatus de baque-virado e baque solto".

Com lançamentos previstos para outubro último, tanto a encenação quanto o disco, foram empurrados para dezembro pela constante falta de apoio e patrocínio. Mas o grupo não se dá por vencido. A dura tarefa, mas sempre com um trabalho de excelente nível, ele vai aprofundando o resgate e universalização do ceileiro musical afro-ameríndio e ibérico brasileiro. É a contribuição do Nação Pernambuco para o fortalecimento da memória histórico-dramático cultural de origem popular.

Reinvenção Cênica

Entre cantores, músicos e bailarinos, 30 pessoas recriam no palco a grandeza histórico-dramática do maracatu em Pernambuco. Perseguido um ideal de liberdade, o espetáculo mostra um vassalo coroado e aclamado para reinar uma nação imaginária, num período que antecede este século.

Arrancados de sua terra natal, homens e mulheres da nação recriam imaginariamente um retorno a terra prometida, num eterno movimento de braços que lembram o embarcar. Quase nostálgicamente entoam cantos, impressionam pelo movimento sensual e cadenciado dos corpos e pelo batuque instrumental prontos por se fazer ouvir por homens e orixás. Quem não quiser ser contaminado por essas feições nacionais, é melhor sair de perto. A poesia ritmada, a sede de liberdade entoada, a influência mística e lúdico-profana são praticamente irresistíveis.

Para tornar essa viagem à memória dos usos e costumes profanos e místicos do solo africano irrecusável Bernardino José cuidou da pesquisa, roteiro, direção, concepção, direção musical, arranjo e regência de Amélia Veloso das coreografias. Já o disco *Batuque da Nação*, o primeiro no gênero, começou a ser gravado no ano passado e enfrentou muitas dificuldades para ser concretizado, sempre de ordem financeira, já que disposição e talento é que não falta à equipe do Nação Pernambuco. São doze músicas, sendo nove de maracatu e baque virado e três rurais. Está planejado sair posteriormente em CD.

Redimensionamento — Quando a música *Nação Pernambuco* ganhou, em 85, um prêmio na categoria maracatu, durante o concurso de músicas carnavalescas, promovido pela Prefeitura do Recife, estava predestinado. Se não escrito nas estrelas, o ritmo corria nas



O espetáculo comporta personagens dos maracatus nação e rural

veias de um grupo disposto a resgatar a manifestação afro-brasileira, nos seus aspectos musical, histórico, cênico, e de pesquisa. Formando batuqueiros, produzindo projetos, fazendo apresentações, montando espetáculos, incentivando os grupos populares e conscientizando sobre a importância do fazer maracatu, a equipe foi abrindo novas frentes.

Criado em 89, o Maracatu Na-

ção Pernambuco coloca-se na trincheira de preservação dessa cultura. "O Nação Pernambuco nasceu com objetivo de reforçar a resistência dos maracatus e dinamizar o seu universo através de um trabalho permanente" conta Bernardino José. E trabalho não falta.

Durante o ano passado, o grupo investiu no projeto Maracatu, que consiste num mergulho no universo do maracatu, com ensaios e

pequenas exibições, estudos e trocas de informações. "Nosso objetivo é resgatar a manifestação, revitalizá-la e não ficar apenas restrito ao período carnavalesco", destaca Bernardino. Paulatinamente, a equipe foi ganhando o público.

O projeto começou em março do ano passado e em outubro a agremiação estava nas ruas com um show musical *Viver Solto Virado* que funcionou até o Carnaval arrastando em cada apresentação mais de duas mil pessoas. Marchas, galopes, sambas e toadas do maracatu eram mostrados no Mercado da Ribeira. Contando apenas com a garra e obstinação dos artistas, — o projeto não teve apoio de ninguém — o conjunto conseguiu difundir o ritmo e potencial do maracatu e agora parte para uma nova etapa.

Este ano o Nação Pernambuco participou dos shows o *Bater do Coração* de Naná Vasconcelos e Lula Cortes, além de integrar o workshop e exibição do percussionista alemão Haral Wess na semana passada.

Depois da curta temporada e do lançamento do disco *Batuque da Nação*, encaminha-se para um projeto mais ousado. A mobilização para levar para as ruas o público para apreciar o maracatu (se conseguir ficar só olhando) "antes restrito às passarelas oficiais e oficiais". O grupo aceita contatos com hotéis, mas assegura que mostra um trabalho de qualidade sem cair no campo exclusivamente comercial. Quando o maracatu passar, o melhor é soltar as feições mais brasileiras que existem dentro de cada um.

Ao ritmo do coração

O maracatu tem a alegria do Car- los, pájens e baianas, além dos batuqueiros e a riqueza das toadas.



Câmara lembra resistência negra dia 20

Exposição de livros, quadros, posters, além da exibição de um vídeo sobre a história da resistência dos negros no Quilombo dos Palmares, fazem parte das comemorações do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, promovidas pela Câmara, numa iniciativa do vereador Vicente André Gomes, do PDT. As atividades começaram, ontem, no hall de entrada da Casa de José Mariano e vão até o final da semana.

O objetivo das comemorações é marcar a data mais importante no calendário da cultura negra no País, ou seja, o Dia de Zumbi, líder negro do movimento de resistência do Quilombo dos Palmares. Em função disso, o vereador Vicente André Gomes, vice-presidente da Comissão em Defesa e Promoção da Cultura Afro-Brasileira, solicitou à Mesa da Câmara a cessão do hall central para a realização das atividades.

Na exposição constam livros sobre a história da cultura negra no País, além de posters com os orixás do candomblé e do xangô. Um vídeo exibindo o movimento dos negros pela libertação também pode ser visto pelo público que visitar a Câmara durante os três dias em que estiver sendo realizada a exposição. O horário é das 8 às 17h, quando termina o expediente na sede do Legislativo Municipal.

Sincretismo e Desenvolvimento (2)

Roberto Motta

Ninguém, no Brasil de hoje, diz que é discípulo de Nina Rodrigues, com todo seu pessimismo sobre nossa mistura racial. Ninguém diz que é, mas nem por isso alguns deixam de ser ou de parecerem. Outro dia, eu li num grande quotidiano paulista, o artigo de certo J. Moraes, em que o autor, com toda a simplicidade do mundo e sem medo de ser enquadrado em nenhuma lei, afirma que "A questão racial está atrás da questão espacial milhares de anos-luz. (...) Estamos diante de um problema que não se resolve por educação e por programas de promoção. Chego a pensar na possibilidade desses traços serem transmitidos através da informação genética codificada no DNA, que se perpetua nas células

de geração para geração. Quero estudar melhor a eventual relação entre DNA e cultura".

Auguremos ao articulista uma bolsa de doutorado em Antropologia Física, na Universidade da Califórnia, e da Califórnia passemos a Nova Iorque, para uma rápida menção a Paulo Francis, que ao nos considerar todos como "jecas" incorrigíveis, aproximava-se da posição pessimista de Nina Rodrigues. Um dos problemas está em saber se o Nordeste é afinal tão diferente do resto do Brasil, ou se aqui apenas se exagera o jequismo nacional. Afinal, a expressão *Jeca Tau* foi inventada por Monteiro Lobato para designar o caipira, isto é, o matuto de São Paulo, de tal modo que, quando Paulo Francis diz que todo nordestino inteligente já saiu da Região, o que talvez ele esteja mesmo pensando é que todo

brasileiro inteligente já se mudou para Nova Iorque. Eu pessoalmente só não digo tudo o que acho dos intelectuais de São Paulo, porque tenho medo de não ser mais convidado para a reunião anual da Anpocs (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais).

Passemos adiante. A concepção de Nina Rodrigues sobre o que eu estou chamando aqui *sincretismo*, quer dizer, a mistura, a confusão, a interpenetração cultural e racial, é marcadamente pessimista. Eu aliás acrescentarei, antes de passar para o próximo autor que quero aqui examinar, que podemos discordar de Nina Rodrigues, mas temos que o levar muito a sério. "Quem avisa, amigo é. Minha discordância fundamental como em tantos aspectos pioneiros, pioneiríssimo, lucidíssimo Nina Rodrigues,

incide sobre sua metafísica racial e até racista, isto é, em atribuir a algum defeito genético fenômeno que talvez pertençam mais às chamadas estruturas de "longa duração", de que fala Fernand Braudel em seu grande livro sobre o mediterrâneo. O que é outra maneira de dizer "yo no creo en brujerías, pero que las hay, las hay".

De Nina — que gostava tanto de Paris, que foi lá que foi morrer, e que seria imitado, quarenta anos depois, por seu ex-aluno, o também notável antropólogo Arthur Ramos — passarei, se não propriamente neste (pois o espaço se acaba), então no próximo artigo, para um autor que muito conheci pessoalmente e nos seus escritos, e pelo qual tenho até hoje a maior das admirações, Gilbert Freyre, que foi, mas uma geração depois, grande adversário intelectual de Nina Rodrigues.